

Kant, Bourdieu e o gosto: sobre a origem social da faculdade de julgamento

Marcos Rohling*

Resumo

O presente texto tem por fito apresentar os termos nos quais a crítica de Bourdieu a Kant é travada. Nesse sentido, em primeiro lugar, apresentar-se-ão a ideia de *revolução copernicana* provocada por Bourdieu, bem como as categorias de *habitus*, capital e campo, essenciais na teoria sociológica bourdieusiana, muito embora, elas sejam cotejadas tal como o sociólogo as definiu em *A Distinção*. Na sequência, em segundo lugar, tratar-se-á da crítica que Bourdieu formula a Kant, cujo centro encontra-se na ideia de que o gosto puro é, antes de qualquer coisa, resultado de relações sociais as quais estão envolvidas em conflitos e lutas pelo poder no interior do campo. Finalmente, em terceiro lugar, arrolar-se-ão algumas críticas à crítica de Bourdieu a Kant. Em geral, entre essas críticas, formula-se a correspondência de que tal crítica, de alguma forma, (i) assemelha-se àquela que faz, desde a perspectiva da sociologia, à filosofia, e (ii) que, em muitos pontos, ela compartilha de elementos básicos com a crítica daqueles que são chamados de *críticos da filosofia da consciência* ou *descrentadores do sujeito moderno*.

Palavras-Chave: Gosto; Kant; Bourdieu.

* Doutorando em Educação – Sociologia e História da Educação (UFSC), Mestre em Filosofia – Ética e Filosofia Política (UFSC), Graduado em Filosofia (UFSC), Graduando em Direito (UNISUL), Professor do Instituto Federal Catarinense – IFC (Câmpus Videira). E-mail: marcos_roh@yahoo.com.br. O autor agradece ao CNPq pela concessão de bolsa para a realização do seu doutoramento que, à época, permitiu a elaboração desse texto.

Kant, Bourdieu and the taste. On the social origin of the faculty of judgment

Kant, Bourdieu y el gusto: sobre la origen social de la facultad de jugamiento

Abstract

The aim of this text is to present the terms on which Bourdieu's critique of Kant is locked. In this sense, first, will introduce the idea of *copernican revolution* caused by Bourdieu, and the categories of *habitus*, capital and field, essential in Bourdieu's sociological theory, even though they are collated as the sociologist defined in the *Distinction*. Following, secondly, will be presented the criticism that Bourdieu formulates to Kant, of which center is on the idea that the pure taste is, before anything else, the result of social relations which are involved in conflicts and power struggles within the field. Finally, thirdly, will be enrolled some criticism to the Bourdieu's criticism to Kant. In general, between these criticisms, it is formulated correspondence that such criticism, somehow (i) is similar to that he does from the perspective of sociology to philosophy, and (ii) that, in many ways, the critical shares basics with the criticism of those who are called critical *philosophy of consciousness* or *descrentadores of modern subject*.

Keywords: Taste; Kant; Bourdieu.

Resumen

El objetivo de este texto es presentar los términos en los que se desarrolla la crítica de Bourdieu de Kant. En este sentido, en primer lugar, se presentarán la idea de la *revolución copernicana* causada por Bourdieu, y las categorías de *habitus*, capital y campo, que son esenciales en la teoría sociológica de Bourdieu, aunque desde la forma como el sociólogo las define en *La Distinción*. Además, en el segundo lugar, se lleva a cabo el tratamiento de la crítica que Bourdieu formula a Kant, cuyo centro es la idea de que el gusto puro es, antes que nada, el resultado de las relaciones sociales que están implicadas en los conflictos y en las luchas de poder en el campo. Por último, en tercer lugar, se alistarán algunas críticas a la crítica de Bourdieu a Kant. En general, entre estas críticas, se formula la correspondencia que tal crítica, de alguna manera, (i) tiene con la que hace Bourdieu, desde la perspectiva de la sociología, a la filosofía, y (ii) que, en muchos puntos, ella comparte lo básico con las críticas de aquellos que son llamados *críticos de la filosofía de la conciencia* o *descentradores del sujeto moderno*.

Palabras-clave: Gusto; Kant; Bourdieu.

Introdução

*La Distinction: Critique Sociale du Jugement*¹, publicada em 1979, é considerada, por muitos sociólogos, como Wacquant, uma obra representativa do pensamento e da metodologia sociológica propostas por Bourdieu. Isso significa dizer que *A Distinção* é para Bourdieu o que *O Suicídio* é para Durkheim: um *experimentum crucis*, um experimento crítico para demonstrar, em primeiro lugar, o potencial genérico de um método sociológico e, em segundo lugar, a fecundidade de um esquema teórico particular, isto é, de uma teoria da prática ancorada num rol de conceitos específicos, tais como os de *habitus*, *capital* e *campo* (WACQUANT, 2011, p. 101).

Com efeito, a linguagem, a postura teórica e a apresentação das provas arroladas ao longo do livro sugerem um determinismo avassalador das práticas culturais decorrentes das relações sociais. O propósito teórico de Bourdieu, também, é evidenciado na pretensão de refutação do discurso filosófico da estética, como exemplificado mais evidentemente pela *Kritik der Urteilskraft* (*Crítica da Faculdade do Juízo*)², de Kant, publicada em 1790, que é uma obra elementar para qualquer filósofo, crítico ou pensador que considere a arte. O foco da crítica é, sinteticamente, dirigido ao acesso do belo através dos juízos puros do gosto, os quais transcendem os seres sensual, social e moralmente. No contexto maior da filosofia kantiana, esses juízos desempenham uma função de relevo, já que permitem a humanidade desenvolver-se em seu progresso histórico, no sentido de um *télos*.

Bourdieu é declaradamente cético quanto às pretensões kantianas a respeito da beleza, e argumenta que o gosto e a totalidade do discurso estético servem como uma ferramenta para fazer as práticas associadas à experiência estética serem exaltadas e vistas como transcendentais quando são, na verdade, usadas pelos praticantes do discurso para acumular poder. Valendo-se da interação entre as categorias de *habitus*, ou, mais precisamente, o princípio gerador social que orienta a prática dos agentes, assim como as escolhas dos objetos de consumo as quais, por sua vez, são geradoras dessas estruturas sociais, e de *campo*, isto é, o espaço social onde o *habitus* opera, Bourdieu critica a Kant na direção

de que o *gosto* puro não existe, mas é, inversamente, resultado de relações sociais envolvidas no interior do campo na luta pelo poder.

Dito isso, o presente texto tem por fito apresentar os termos nos quais a crítica de Bourdieu a Kant é travada. Em primeiro lugar, apresentar-se-ão as categorias de *habitus*, *capital* e *campo*, essenciais na teoria sociológica bourdieusiana, muito embora, elas sejam cotejadas tal como o sociólogo as definiu em *A Distinção*. Na sequência, em segundo lugar, trata-se da crítica que Bourdieu formula a Kant, cujo centro se encontra na ideia de que o *gosto* puro é, antes de qualquer coisa, resultado de relações sociais as quais, por sua vez, estão envolvidas em conflitos e lutas pelo poder no interior do campo. Finalmente, em terceiro lugar, serão arroladas algumas críticas à crítica de Bourdieu a Kant. Em geral, entre essas críticas, formula-se a correspondência de que tal crítica, de alguma forma, (i) assemelha-se àquela que faz, desde a perspectiva da sociologia, à filosofia, e (ii) que, em muitos pontos, ela compartilha de elementos basilares com a crítica daqueles que são chamados de *críticos da filosofia da consciência*, como Freud e Marx.

A distinção e a revolução copernicana no tema do gosto

O projeto teórico de Bourdieu se inicia – não de maneira precisamente cronológica, mas com uma lógica intrínseca – como uma tentativa de formulação de um método sociológico e antropológico de análise que se divide entre a simples reprodução das percepções sobre a cultura estudada e uma codificação científica dessas percepções, de modo a dar-lhes forma objetiva, forma esta que corresponde a qualquer coisa nos funcionamentos daquela cultura (LOESBERG, 2000, p. 213).³ Mais especialmente, na década de 1960, Bourdieu compilou uma poderosa etnografia usando questionários com o objetivo de correlacionar, no âmbito da cultura, a experiência, o gosto e o nível socioeconômico da sociedade francesa, os quais constituíram o núcleo central de uma das mais importantes obras da sociologia francesa e internacional, notadamente, *A Distinção*. Como resultado, ele ofereceu uma explicação bastante convincente da formação do *gosto* em seus múltiplos significados, isto

é, desde a sua formação até suas expressões nas escolhas do vestuário e da mobília, e, ainda, na manifestação da preferência pela comida.⁴

Nesta obra, a linguagem, a postura teórica, bem como os dados colecionados, sugerem um determinismo avassalador de práticas culturais decorrentes das relações sociais. Em muitos aspectos, a tese defendida por Bourdieu é frontalmente oposta ao discurso estético, como exemplificado brilhantemente pela *Crítica da Faculdade do Juízo*, de Kant – que posteriormente, nas próximas seções, será cotejada em relação à abordagem do gosto. Diferentemente de Kant, que entendia que o acesso ao belo através dos juízos de gosto puro era transcendente, em relação ao ser sensual, social ou moral, e que, no contexto dessa obra, representava um papel importante no progresso moral, em vista do *télos* (telos) humano, Bourdieu defenderá que os gostos são determinados relacional e socialmente. Como explica Wacquant, Bourdieu

[...] efetua uma revolução copernicana no estudo das classes e das culturas ao abolir a sagrada fronteira entre a alta cultura e o consumo ordinário. Vinculando os mais variados domínios da vida, desde a alimentação e o companheirismo até a estética e a política, ele demonstrou que o julgamento não é um dom inato, mas uma habilidade socialmente aprendida que serve para travar lutas de classes negadas, via batalhas simbólicas da vida diária e posturas adotadas em vários “campos da produção cultural”. Ele revelou que o espaço social é organizado por dois princípios de diferenciação entrecruzados – o capital econômico e o capital cultural –, cujas distribuições definem as duas oposições que circundam as linhas maiores de clivagem e de conflito nas sociedades avançadas, aquelas entre as classes dominantes e as dominadas (definidas pelo volume de seu capital), e aquelas entre frações rivais da classe dominante (opostas pela composição de seu capital) (WACQUANT, 2002, p. 98-9).

O termo *revolução copernicana* usado por Wacquant para referir-se ao giro operado por Bourdieu, em *A Distinção*, é, assim, *mutatis mutandis*, análogo àquele que o próprio Kant fizera em relação ao conhecimento, como se encontra na *Crítica da Razão Pura* (2010): o gosto não é mais

resultado de um eu que reflete subjetivamente, mas uma habilidade que se forma socialmente. Procurando dar novos termos ao estudo do gosto e da estética, Bourdieu opera o deslocamento, não sem críticas, de um *eu puro*, próprio da filosofia da consciência, para um espaço constituído socialmente através de infindáveis inter-relações: o gosto puro não deriva de um eu puro; antes, a habilidade de julgamento, socialmente apreendida, se expressa como espaço de lutas de classes, econômica, social, simbólica e culturalmente travadas, de tal modo que se constitui num dos principais campos de batalha nos debates a respeito da reprodução cultural e da legitimação do poder.

Entre os conceitos que utilizou para efetuar a análise que conduziu a um tal giro, a uma tal revolução, estão os *habitus*, campo e capital, os quais, em virtude da sua importância, não apenas na articulação lógica de *A Distinção*, mas, também, da própria sociologia de Bourdieu, serão mais explicitados com mais demora a seguir.

HABITUS, CAMPO E CAPITAL

A Distinção procura, inicialmente, discernir a estrutura das classes sociais a partir dos sistemas de classificação que a percepção do mundo social estrutura e, em segundo lugar, designar os objetos de prazer estético. Notadamente, é visível que Bourdieu olha para a estrutura social como formando a percepção subjetiva e as histórias causais de prazer estético em vez de propor uma teoria do gosto a qual surja, por si só, das faculdades cognitivas. Bourdieu define que “o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado” (BOURDIEU, 2008, p. 56).

Esse modelo de distinção do gosto baseia-se nas ideias de Bourdieu sobre o *habitus*⁵, o *campo*⁶ e o *capital*⁷, ideias essas que compreendem um conjunto de conceitos-chaves que, quando consideradas articuladamente, tem para Bourdieu um poderoso poder explicativo para dizer o que acontece na experiência estética. A luz disso, o gosto pode ser considerado um aspecto específico do *habitus*, que, de forma geral, descreve os atores no trabalho em seu meio social. Embora Bourdieu reitere a sua defini-

ção em diferentes formulações em seus escritos, em sua concepção mais básica, o *habitus* é um princípio organizador que determina as preferências, os pensamentos e as ações, os quais são formados pelas estruturas socioeconômicas da sociedade ao definir essas estruturas.⁸ Ao fazer o seu conceito de subjetividade tão entrelaçado com as estruturas da sociedade, especialmente com sua noção de *habitus*, Bourdieu tenta superar qualquer divisão clara entre a estrutura social e o indivíduo. É preciso lembrar que estas práticas servem para criar as próprias estruturas, associando certas práticas com determinadas posições. O *habitus*, como princípio de gerador para essas práticas, não é apenas uma

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. Cada condição é definida, inseparavelmente, por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no sistema das condições que é, também, um *sistema de diferenças*, de posições diferenciais, ou seja, por tudo a que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é oposto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença. O mesmo é dizer que, nas disposições do *habitus*, se encontra inevitavelmente inscrita toda estrutura do sistema das condições tal como ela se realiza na experiência de uma condição que ocupa determinada posição nessa estrutura: as oposições mais fundamentais da estrutura das condições – alto/baixo, rico/pobre, etc. – tendem a impor-se como os princípios fundamentais de estruturação em relação às práticas e à percepção das práticas (BOURDIEU, 2008, p. 164).

Os objetos e as práticas que representam os gostos de diferentes grupos da sociedade podem ser considerados naturais para cada grupo, cada qual desses grupos acreditando que seu gosto corresponde à maneira pela qual as coisas devem naturalmente ser feitas. Assim, inicialmente, o enraizamento do gosto no *habitus* é uma rejeição contundente da ideia kantiana de gosto, o que sugere, em termos gerais, que a ideia de *habitus* se opõe à existência de um princípio de gosto fora da história ou da sociedade.

O conceito de *campo*, no pensamento sociológico de Bourdieu, por sua vez, tem em vista analisar a sociedade não apenas em termos de ideologia e classes. Trata-se, assim, de um espaço social estruturado por suas próprias regras, esquemas de dominação, opiniões legítimas, entre outras coisas, cujo funcionamento pressupõe relativa autonomia em relação aos demais espaços sociais. Assim, o entendimento de campo refere-se às estruturas limitantes as quais podem ser definidas como conjunto de objetivos, relações históricas entre posições ancoradas em certas formas de poder ou de capital, de forma que o campo fornece o contexto histórico pelo qual o *habitus* é formado. A noção de *habitus* sublinha o sentido da luta no seio da vida social, sobretudo, a busca pelo poder e pelo *status*, sob certas lógicas de concorrência que devem ser seguidas ou alteradas, conforme a utilização adequada de capitais. O campo é, portanto, um espaço social no qual as pessoas se relacionam e lutam num complexo de relações sociais que estão interligadas direta e indiretamente. No caso do gosto, o campo da experiência estética consiste dos objetos e práticas historicamente situados, em conformidade com os *habitus* culturais sociais.

Dessa forma, sugere-se que o *campo* fornece o contexto assim como define os limites e as condições para o desenvolvimento dos jogos que os atores têm. A forma como alguém assiste a um filme, alimenta-se, aprecia obras de arte, escolhe os objetos e os métodos pelos quais se contempla ou consome qualquer coisa, em resumo, são todas manifestações de uma interface do *habitus* com o campo. Nesse sentido, conforme interpreta Wacquant, o *habitus* age como um operador da racionalidade, da racionalidade prática imanente a um sistema histórico de relações sociais, assim, transcendem ao indivíduo (WACQUANT, 1992, p. 19).

A noção de *capital*, por seu turno, coloca-se no sentido de acordo com o qual os agentes, na disputa pelo poder, têm mais recursos e meios para fazer prevalecer seus interesses. A ideia de Bourdieu é que os agentes ocupam uma posição no espaço social, de forma que ele não é definido tão somente por ser membro de uma classe social, mas por todo tipo singular de capital que possa articular através das suas relações sociais. Assim, como é

um conceito polimorfo, através da categoria de capital, notadamente, Bourdieu pode construir uma forma de representação mais provável para revelar a estrutura, o sistema de relações e as dependências de qualquer universo social (CHAUVIRÉ & FONTAINE, 2003, p. 13). O capital, com efeito, existe em diferentes tipos ou formas, a saber: (i) *capital econômico*; (ii) *capital cultural*; (iii) *capital social*; e (iv) *capital simbólico*. Como Bourdieu entende, um certo tipo de *habitus* estará relacionado a alguns outros tipos de capitais, facilmente acessível, e que permite ser usado em conformidade com o campo em questão. Assim, as noções de *habitus*, campo e capital são muito próximas, de forma que a separação analítica é difícil e artificial. Isto quer dizer que em ações aparentemente simples, como comprar um quadro qualquer ou mesmo adquirir um livro, os diferentes tipos de capitais, bem como *habitus* e campo estão envolvidos.

Bourdieu e o gosto em *A Distinção*

Como Rahkonen (2011) salienta, em seu texto dedicado à comparação entre as perspectivas do gosto de Bourdieu e Nietzsche, não houve disputas sociológicas sobre o conceito de gosto antes da publicação dos estudos de Bourdieu sobre o assunto em *A Distinção* e em seus estudos preliminares de 1960, porque as observações de Weber sobre a “estilização da vida”, os estudos de Simmel sobre moda e ‘*Vornehmheit*’, em *A Filosofia do Dinheiro*, a teoria de Veblen do ‘consumo conspícuo’, e a interpretação de Elias do ‘processo civilizador’, apesar de tocarem na questão do gosto, não tratam do tema de uma forma explícita, muito menos sistemática (RAHKONEN, 2011, p. 125-6).

Para Bourdieu, o gosto não surge como uma contemplação puramente subjetiva e desinteressada de um objeto, mas sim como uma lógica ou como uma disposição para se apropriar de bens e práticas específicas, vistas na experiência vivida em ambientes sociais. Ao invés de uma contemplação prolongada de obras de artes ou de considerações intensivas dos princípios de pensamento subjetivo, em *A Distinção*, através de pesquisas e entrevistas, que tinham por objetivo “[...] determinar como a disposição culta e a competência cultural apreendidas através da natureza dos bens consumidos e da maneira de consumi-los

variam segundo as categorias de agentes e segundo os terrenos aos quais elas se aplicam” (BOURDIEU, 2008, p. 18), Bourdieu sugere que a habilidade para o gosto é resultado de processos sociais dentro do espaço social.

Com efeito, se Bourdieu não entendia a contemplação subjetiva autônoma como origem do gosto, como era com Kant – conforme será visto mais adiante –, convém interrogar como é possível que o gosto surja e, especialmente, a qual finalidade ele serve. A perspectiva do gosto de *A Distinção*, é vista como um fenômeno social, correlacionada com diferentes categorias de agentes com origens e trajetórias sociais específicas inextricavelmente inseridas num quadro social mais amplo. Dessa feita, o gosto serve como um marcador dessas colocações nas estruturas sociais, servindo para distinguir diferentes grupos dentro da sociedade, mas, também, como um instrumento através do qual estes grupos tentam adquirir certos tipos de capital. Nesse sentido, é um processo de diferenciação social, que a retórica do consumo cultural e do próprio gosto, deve-se acrescentar, mascara, de formar a tornar um determinado tipo de gosto legítimo. Ora, é nessa direção que *A Distinção*, como se indicou, realiza uma *revolução copernicana* a respeito do estudo do gosto (WACQUANT, 2011, p.101): o gosto é considerado como um dos principais campos de batalha na discussão sobre a reprodução cultural e a legitimação do poder.

Sobre esse aspecto, Rahkonen (2011) explica que, na teoria de Bourdieu, o gosto representa o exercício do poder oculto, um emaranhado de relações autoevidentes, cujas tentativas sociológicas de explicação são geralmente denunciadas como inúteis por pessoas que, direta ou indiretamente, têm algo a ganhar com a mistificação da relação entre o gosto, a educação e os outros fatores sociais. Ao tratar do gosto desse modo, em certo sentido, Bourdieu amplia o programa da sociologia de Durkheim ao argumentar que existe, nessa temática, uma correspondência entre a estrutura social e as estruturas mentais.⁹ E, ao fazer isso, Bourdieu converte a *Crítica da Faculdade do Juízo* num programa sociológico ou, mais exatamente, numa *sociologia da estética* (RAHKONEN, 2011, p. 126).

No entanto, Bourdieu concebe a vida cotidiana como uma constante luta a respeito da palavra final para de-

terminar o que é o ‘bom’ gosto, que afirma ser ‘universal’. Esta luta, como entende, é um jogo cultural do qual ninguém pode escapar e no qual o gosto é a base de tudo o que se tem e de tudo o que se é para os outros, numa relação em que alguém classifica a si mesmo e é classificado pelos outros:

[...] o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado (BOURDIEU, 2008, p. 56)

O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas (BOURDIEU, 2008, p. 13).

De forma bem simples, Bourdieu identifica três diferentes tipos, universos, de gostos, os quais, genericamente, correspondem aos níveis educacionais, bem como às classes sociais as quais os agentes pertencem. Conforme o sociólogo,

No universo dos gostos singulares, suscetíveis de serem reengendrados por divisões sucessivas, podemos deste modo distinguir, limitando-nos às oposições mais importantes, três universos de gostos correspondentes, em geral, a níveis escolares e a classes sociais: o *gosto legítimo* [...] o *gosto “médio”* [...] o *gosto “popular”* [...] (BOURDIEU, 2008, p. 21).

O primeiro dos três tipos de gostos, o *gosto legítimo* (*le goût ‘légitime’*), refere-se ao gosto pelas obras legítimas, o que significa dizer que corresponde ao gosto cujos objetos são culturalmente legítimos no sentido da pertença à cultura erudita e cujo crescimento está associado ao nível escolar “para alcançar a frequência mais elevada nas frações da classe dominante mais ricas em capital escolar” (BOURDIEU, 2008, p. 21). O segundo tipo, por sua vez, diz respeito ao *gosto médio* (*le goût ‘moye’*), que “é mais frequente nas classes médias que nas classes populares ou nas frações ‘intelectuais’ da classe dominante” (BOURDIEU, 2008, p. 21) e, por isso mesmo, é dirigido aos objetos mais comuns e menos valiosos. Por fim, o terceiro

tipo, o *gosto popular* (*le goût ‘populaire’*), “que encontra sua mais elevada frequência nas classes populares e varia em razão inversa ao capital escolar” (BOURDIEU, 2008, p. 21), refere-se àqueles objetos desprovidos de qualquer tipo de ambição artística.

Tendo em vista atestar que a descrição dos estilos de vida tem valor de verificação empírica, Bourdieu se lança à identificação e à descrição correspondente das disposições e atitudes que os três tipos de gosto produzem. Como explica,

Se é verdade que, conforme tentamos comprovar, a classe dominante constitui um espaço relativamente autônomo, cuja estrutura é definida pela distribuição, entre seus membros, das diferentes espécies de capital, de modo que cada fração é caracterizada propriamente falando por certa configuração dessa distribuição à qual corresponde, por intermédio do *habitus*, certo estilo de vida; se é verdade que a distribuição do econômico e a distribuição do capital cultural, entre as frações, apresentam estruturas simétricas e inversas, e que as diferentes estruturas patrimoniais estão, com a trajetória social, no princípio do *habitus* e das escolhas sistemáticas que ele produz em todos os domínios da prática e cujas escolhas, comumente reconhecidas como estéticas, constituem uma dimensão, deve-se reencontrar essas estruturas no espaço dos estilos de vida, ou seja, nos diferentes sistemas de propriedades em que se exprimem os diferentes sistemas de disposições (BOURDIEU, 2008, p. 241).

E, nesse sentido, Bourdieu descreve três tipos de atitudes e disposições gerais em relação à cultura, cada um dos quais ligados a uma determinada classe. A *classe dominante* é descrita através de um *senso de distinção* (BOURDIEU, 2008, p. 241-97), a *classe média*, a nova pequena burguesia, é descrita como tendo uma *boa vontade cultural*, em clara referência à tradição kantiana (BOURDIEU, 2008, p. 298-349) e, finalmente, as *classes populares*, aquelas mais baixas, têm a *escolha do necessário* (BOURDIEU, 2008, p. 350-70). Como Bourdieu entende, a classe dominante se esforça para distinguir-se em relação aos que representam outras categorias de gosto, conforme a linha de demarcação entre o bom e o mau gosto. E,

quando o gosto popular chega a abraçar o que costuma ser entendido como o bom gosto, o gosto passou de *puro* para *vulgar* (RAHKONEN, 2011, p. 127).¹⁰

O gosto em Kant

O intento de Kant é a busca por um fundamento último de uma experiência autônoma do belo e do sublime, assim como de uma faculdade específica para sua apreciação, de modo a dar sequência aos projetos procedentes, iniciados, entre outros, por Descartes, Baumgarten, Shaftesbury e Hutcheson. Não obstante, a menos estudada das três *Críticas* é certamente a *Crítica da Faculdade do Juízo*.¹¹ Desde que estava a escrever a *Crítica da Razão Prática*, Kant manifestava o desejo de escrever uma crítica sobre o gosto.¹² Contudo, ao que tudo indica, entre 1788 e 1789, resolveu ampliar o escopo, e escrever uma crítica sobre a faculdade de julgar, da qual o juízo do gosto e o gosto são uma parte, e que examinaria criticamente a faculdade humana de sentir prazer (TERRA, 1995; SCHAPER, 2009, p. 441). E, como sugere Höffe (2005), apesar das abundantes críticas à concepção teleológica em favor de uma mecanicista, o que é característico das teorias modernas, Kant confere um lugar especial ao pensamento orientado por fins. Com efeito,

[...] o pensar em conceitos de fim forma uma parte integral da crítica transcendental da razão. De um lado, Kant destaca consequentemente o caráter meramente subjetivo de juízos teleológicos; de outro, esses juízos encontram-se em todos os escritos principais. Na *Crítica da Razão Pura*, a teoria das ideias regulativas está comprometida com o fim racional de um conhecimento absolutamente completo. À base da doutrina dos postulados da *Crítica da Razão Prática* encontra-se a ideia teleológica de uma unidade do merecimento de ser feliz e felicidade. Na Filosofia do Direito e da História, Kant vê o fim terminal ("sentido") da história na paz perpétua. Todavia, Kant alcança o ponto alto de seu pensamento teleológico na *Crítica da Faculdade de Julgar* (HÖFFE, 2005, p. 292).

A *Crítica da Faculdade do Juízo* (2008) é uma obra na qual Kant desenvolve, entre outras coisas, a sua con-

cepção estética, assim como, à luz da *Crítica da Razão Pura* e da *Crítica da Razão Prática*, a interconexão entre a filosofia teórica e a filosofia prática, a ligação entre natureza e moral: "*Ela efetua também a fundamentação transcendental de dois âmbitos tão díspares, como o mundo do belo e do sublime, da arte e do gênio, de um lado, e do mundo do orgânico e da unidade dinâmica de toda a natureza, de outro*" (HÖFFE, 2005, p. 294). Esses conceitos traduzem uma concepção própria da dimensão estética que, apesar de hoje não ser tão estudada, é absolutamente original e fértil.

O tema do gosto é tratado por Kant na *Crítica da Faculdade do Juízo* (2008), a qual surge como uma reflexão sobre o estado subjetivo que permite chamar de *belo* um objeto. Na nota 19, quando trata do juízo do gosto, segundo a qualidade, Kant esclarece o que entende por *gosto* e justifica o seu uso. Segundo o filósofo,

A definição do gosto, posta aqui a fundamento, é de que ele é a faculdade de ajuizamento <beurteilung> do belo. O que porém é requerido para denominar um objeto belo tem que a análise dos juízos de gosto descobri-lo. Investiguei os momentos, aos quais esta faculdade do juízo em sua reflexão presta atenção, segundo orientação das funções lógicas para julgar (pois no juízo de gosto está sempre contida ainda uma referência ao entendimento) (KANT, 2008, p. 47, n. 19).¹³

Num contexto mais amplo, a introdução da questão do gosto está relacionada ao problema da beleza e do gênio na estética kantiana. Desde o início, Kant esclarece que o gosto não é uma faculdade produtiva – que está presente no gênio o qual cria objetos que podem ser chamados de belos –, já que, de fato, efetivamente não cria nada; sua função é especificamente a de ser uma faculdade de julgamento. Schaper esclarece brevemente o que é o gosto para Kant. De acordo com a autora,

O gosto, para Kant, é a habilidade de "estimar" o belo, e o exercício dessa habilidade é o juízo de gosto. O que são os juízos de gosto e quais as condições para localizar o belo são, assim, aspectos ou "momentos" da mesma coisa a ser explicada (SCHAPER, 2009, p. 445).

De fato, quando Kant inferia a sua interpretação do que é o belo, de acordo com a qualidade, o primeiro momento, ele afirmou que “*Gosto é a faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse*. O objeto de uma tal complacência chama-se *belo*” (KANT, 2008, §5, p. 55, o itálico corresponde ao original). Nesse sentido, pode-se entender que um dos sentidos da complacência é a satisfação. Disso se segue que, para Kant, o gosto é a faculdade de julgar um objeto ou um modo de representação por uma satisfação ou insatisfação inteiramente independente de todo e qualquer interesse. É a ideia da satisfação desinteressada, portanto.

Um aspecto bastante controverso na *Crítica da Faculdade do Juízo* (2008) diz respeito à universalidade e à subjetividade do juízo de gosto. Os juízos estéticos contêm uma notável tensão nos termos tais que não são suscetíveis de prova e, não obstante, como explica Höffe, reclamam ser universalmente compreensíveis e vinculantes para qualquer um (HÖFFE, 2005, p. 299). Sobre ele, Kant afirma,

O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser *senão subjetivo*. Toda referência das representações, mesmo a das sensações, pode, porém, ser objetiva (e ela significa então o real de uma representação empírica); somente não pode sê-lo a referência ao sentimento de prazer e desprazer, pelo qual não é designado absolutamente nada no objeto, mas no qual o sujeito sente-se a si próprio do modo como ele é afetado pela sensação (KANT, 2008, §5, p. 48).

De fato, diferentemente das asserções científicas e morais, os juízos estéticos não possuem uma universalidade objetiva, mas, inversamente, uma universalidade subjetiva. No sentimento subjetivo do eu da experiência estética, insiste Höffe, está contido, ao mesmo tempo, um sentimento universal de mundo e de vida, de forma que a problemática do estético aguça-se na questão de como a subjetividade pode vincular-se com a pretensão de universalidade e necessidade (HÖFFE, 2005, p. 299-300). Mais especificamente,

Visto que a faculdade de julgar estética é subjetiva mas reflexiva, o universal não lhe é dado previamente. Em oposição a toda estética da obra, que torna a obra de arte portadora de uma verdade objetiva vista sensivelmente, segundo Kant o comprazimento estético resulta não da perfeição, da conformidade a fins interior objetivamente existente, de uma coisa. Não o objeto mesmo é belo em seu aspecto ou forma; “belo” não é nenhum predicado objetivo, mas um predicado relativo. E, em verdade, a referência estética parte do sujeito; ela se deve a uma realização criativa, à representação estética do objeto no sujeito (HÖFFE, 2005, p. 301).

Assim, o gosto não é, em sentido kantiano, uma faculdade puramente subjetiva, já que é a legalidade de um entendimento com certa universalidade, a qual se refere à obtenção do prazer diante do belo. Essa universalidade não é, por sua vez, determinada segundo conceitos. Contrariamente, ela é o resultado de uma harmonia livre e indeterminada. Dessa forma, o gosto é mais bem entendido como sendo expresso numa universalidade subjetiva.

A crítica de Bourdieu a Kant

No que se segue, cotejar-se-á a crítica que Bourdieu desenvolve ao filósofo de Königsberg. Ao procurar apontar o juízo estético como elemento nevrálgico de seu aparato crítico, tendo como interlocutor Ortega y Gasset, Bourdieu critica a Kant em vista principalmente da vinculação de sua teoria às *formas mais antitéticas da estética dominante*. Essa crítica pode ser mais bem compreendida se se levar em consideração que Kant desvincula o juízo estético dos elementos que, em termos gerais, são seus pontos de partida, como condicionamentos de ordem social e econômica (BOURDIEU, 2007, p. 43-5).

De fato, o objetivo de Bourdieu, ao criticar a teoria estética de Kant, é mostrar que, inversamente ao que descreve Kant, não apenas os juízos, mas também as preferências que, de algum modo, são marcadas pelos traços estéticos, estão ligados às posições que os agentes ocupam no interior da sociedade, o que conduz ao *habitus*. Mais especialmente,

[...] ela é, também, a expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social, cujo va-

lor distintivo determina-se objetivamente na relação com expressões engendradas a partir de condições diferentes. Como toda espécie de gosto, ela une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que têm de mais essencial, já que o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado (BOURDIEU, 2007, p. 56).

No final das contas, o que há de fortemente presente na afirmação acima é a repetição de uma ideia já posta pelo autor, vale dizer, a de que “o ‘olho’ é um produto da história reproduzido pela educação” (BOURDIEU, 2007, p. 10). Nesse sentido, há um exercício, ou melhor, um *habitus* presente, que é constitutivo de cada classe, que é desenvolvido a partir, especialmente, da família e da escola, as quais se firmam, nos termos do sociólogo, como dois mercados, os quais,

[...] por suas sanções positivas ou negativas, controlam o desempenho, fortalecendo o que é ‘aceitável’, desincentivando o que não o é, votando ao desfalecimento gradual as disposições desprovidas de valor [...]. Dito em outras palavras, a aquisição da competência cultural é inseparável da aquisição insensível de um *senso de aplicação* dos investimentos culturais que, sendo o produto do ajuste às possibilidades objetivas de valorização da competência, favorece o ajuste antecipado a tais possibilidades e que, por sua vez, torna-se uma dimensão relacionada com a cultura, próxima ou distante, desenvolta ou reverenciosa, mundana ou escolar, ou seja, forma incorporada da relação objetiva entre os espaços da aquisição e ‘núcleo dos valores culturais’ (BOURDIEU, 2007, p. 82).

Esse tipo de entendimento abre margem para aquilo que se chama *engendramento de estratégias objetivamente ajustadas às possibilidades objetivas de lucro*. Quer dizer, então, que há uma disputa pela ampliação dos capitais cultural e social, em termos de cálculos para o usufruto e para a dominação simbólica de bens culturais e sociais.

Além disso, é igualmente importante acenar para a ideia de que, nas sociedades modernas, tanto quanto naquelas pré-modernas, há uma hierarquização que, *grosso modo*, dá-se pela herança familiar. É nesse ponto que, tendo em vista o acúmulo de bens sociais, culturais e materiais, há engendramento de estratégias para ampliar os capitais culturais e sociais, bem como, por consequência, determinam a reprodução social e as trajetórias particulares (BOURDIEU, 2007, p. 82-92).

Uma crítica vulgar do gosto: uma crítica social da faculdade de julgamento

Com efeito, *A Distinção* é uma crítica *vulgar*, e, portanto, uma crítica social, no sentido bourdieusiano, diretamente direcionada à estética kantiana, particularmente, a sua *Crítica da Faculdade do Juízo*. *Vulgar*, para Bourdieu, quer dizer uma crítica sociológica, embora seja, como reforça Rahkonen, uma crítica sociológica para além da filosofia do iluminismo, porque questiona a própria possibilidade de um juízo universal e uma crítica que não toma favor do gosto vulgar, porque conduziria a uma versão sociológica da cultura do proletariado ou de ciência do proletariado (RAHKONEN, 2011, p. 128).

Bourdieu transforma a ideia kantiana de um julgamento estético, o senso comum (*sensus communis*) numa comunidade social, isto é, num campo social. Essencialmente, a argumentação de Bourdieu se desenvolve na direção tal que cada juízo estético é determinado socialmente. Como explica Rahkonen, ao propor algo nesse sentido, Bourdieu transforma a antinomia kantiana do princípio do gosto, segundo a qual o é concomitantemente subjetivo e objetivo, em antinomia social, o que resulta na afirmação de que o gosto é representado como sendo, de fato, subjetivo e objetivo e correspondente à posição no universo social relacionalmente definido (RAHKONEN, 2011, p. 129).

Esse é um dos aspectos que Bourdieu precisamente critica Kant por ter negligenciado, ou seja, que o juízo do gosto está associado à posição que os agentes ocupam no universo social. Vale recordar que um dos objetivos da sociologia crítica de Bourdieu é justamente explorar o inconsciente do social, o que se dá através do *habitus* e das

práticas sociais dos agentes. Os agentes são seres sociais, e precisamente o que são como agentes é definido de acordo com as posições que ocupam no espaço social. Não obstante, no pós-escrito publicado ao final de *A Distinção*, sob o título “*Post-scriptum. Elementos para uma Crítica “Vulgar” das Críticas “Puras”*”, Bourdieu desenvolve mais sistematicamente sua crítica à teoria kantiana do juízo do gosto. Segundo o autor,

Totalmente anistórica, como qualquer pensamento filosófico digno desse nome toda *philosophia* e *perennis* –, perfeitamente etnocêntrica porque não adota outro *datum* além da experiência vivida de um *homo aestheticus* que é apenas o sujeito do discurso estético constituído como sujeito universal da experiência artística, a análise kantiana do julgamento do gosto encontra seu princípio real em um conjunto de princípios éticos que são a universalização das disposições associadas a uma condição particular (BOURDIEU, 2008, p. 455).

O ataque é direto à reflexão kantiana sobre a estética e, em particular, ao gosto, como expressão de uma crítica incidental à filosofia, igualmente, por ser uma experiência de pensamento desengajada da história, de forma que pretende alçar à condição de universalidade a experiência de um sujeito do discurso estético. Além disso,

Vê-se que o senso da distinção filosófica não passa de uma forma da aversão visceral diante da vulgaridade que define o gosto puro como *relação ao social incorporada*, tornada natureza; e que seria impossível esperar que uma leitura filosoficamente distinta da *Critique du Jugement* revele a relação social de distinção ao que se encontra na origem dessa obra, considerada acertadamente como o próprio símbolo da distinção filosófica (BOURDIEU, 2008, p. 460).

Entrementes, Bourdieu rejeita a ideia de um *gosto puro e desinteressado*, pois seria o mesmo que afirmar a primazia absoluta da forma sobre a função. O gosto, como uma preferência manifestada, seria determinado, inversamente, por sua negação, ou seja, o *gosto* é determina-

do pelo *desgosto*. É precisamente esse o sentido de que, em matéria de gosto, toda determinação é negação:

Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável. Não é por acaso que, ao serem obrigados a justificarem-se, eles afirmam-se de maneira totalmente negativa, pela recusa oposta a outros gostos: em matéria de gosto, mais que em qualquer outro aspecto, toda determinação é negação; e sem dúvida, os gostos são, antes de tudo, *aversão*, feita de horror ou de intolerância visceral (“da ânsia de vomitar”), aos outros gostos, aos gostos dos outros (BOURDIEU, 2008, p. 56).

A razão para isso, explica Bourdieu, não se deve ao fato de que exista, na natureza, gostos para tudo, mas precisamente porque cada gosto pretende estar baseado na natureza, o que o é praticamente, como *habitus*, de forma que lança os demais gostos no escândalo e na contranaturalidade (BOURDIEU, 2008, p. 57). Assim sendo, o princípio kantiano do gosto puro nada mais é do que “uma rejeição; ou melhor ainda, de uma aversão: aversão pelos objetos que impõe à fruição, assim como aversão pelo gosto grosseiro e vulgar que se compraz com essa fruição imposta” (BOURDIEU, 2008, p. 450).

Com efeito, parece correto admitir que, por detrás dessa crítica a Kant, notavelmente se percebe que o que está implícito em *A Distinção* é a teoria crítica sociológica do poder e do poder simbólico de Bourdieu, como declara Rahkonen, pois a luta pelo *bom* gosto é uma luta *simbólica* pelo poder (RAHKONEN, 2011, p. 129). E, considerando sua teoria dos campos, na qual o campo deve ser compreendido como um sistema de forças objetivas, similar a um campo magnético, deve-se entender que as classes sociais estão envolvidas numa luta no interior do campo em relação ao qual o gosto é um dos objetos em questão. Vale recordar, como Rahkonen o faz, a interpretação Lash, segundo a qual a classe não é vista como um ator coletivo que está envolvido na luta, mas como um *habitus* coletivo e como uma *forma de vida*. Numa tal interpretação, a classe não é um ator organizado como aspirações conscientes (RAHKONEN, 2011, p. 131).

Observações críticas à crítica de Bourdieu

Um aspecto que merece ser destacado, para iniciar esta seção, é a semelhança que a crítica de Bourdieu tem com outras teorias que rejeitam a ideia de sujeito e consciência. Stuart Hall aponta cinco grandes avanços na teoria social que provocaram, como efeito, o *descentramento do sujeito moderno*, isto é, do sujeito cartesiano e da filosofia da consciência, os quais são: (a) as tradições do pensamento marxista – que afirma que os homens fazem a história, mas sob as condições que lhe são dadas; (b) a descoberta freudiana do inconsciente – que sobressai a identidade, a sexualidade e a estrutura dos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos inconscientes, que não seguem a lógica da *Ração moderna*; (c) a linguística estrutural de Saussure – que aponta que, de nenhuma forma, os agentes são os autores das afirmações que fazem ou dos significados que são expressos na língua, uma vez que a língua é um sistema social, e não individual; (d) o trabalho filosófico e histórico de Foucault – que, através da genealogia do sujeito moderno, destacando o aparecimento do poder disciplinar, aponta que a vigilância é o governo da espécie humana, assim como do indivíduo e do corpo; e finalmente, (e) o impacto do feminismo – que faz parte do grupo de novos movimentos sociais (HALL, 2006, p. 9-14).

A *Revolução Copernicana* operada por Bourdieu no campo da sociologia da arte e do estudo do gosto, já referenciada anteriormente, reflete muitos aspectos desses descentramentos do sujeito moderno, os quais atingem duramente a filosofia da consciência e, por extensão, o pensamento kantiano. Pode-se dizer que a teoria da dominação, que aparece implícita na crítica de Bourdieu a Kant, reflete o inconsciente social (RAHKONEN, 2011, p. 128), o que se dá através da compreensão dos *habitus* e das práticas sociais.

Entrementes, a construção teórica formulada por Bourdieu, em *A Distinção*, recebeu muitos elogios e apoios. É também verdade que recebeu, e tem recebido, inúmeras críticas e questionamentos. Em grande parte, a ênfase no modo como o poder é acumulado e exercido no mundo social levou-o a reduzir a experiência estética à luta pelo poder. No que se segue, pretende-se arrolar,

em seus aspectos mais gerais, as dimensões essenciais dessas críticas:

- (I) Tanto filósofos quanto sociólogos, do ponto de vista sociológico, têm atacado a obra de Bourdieu como indicativa dos perigos das muitas formas de análises da arte, que procuram impor, de muitos modos, os *fatores sociais* sobre as dimensões estéticas e criativas da vida as quais não podem ser apreendidas, em sua totalidade, por seus termos limitados (INGLIS, 2009, p. 13). Em outras palavras, é o reducionismo da atividade artística (e, com ela, do gosto) às relações de poder no conflito entre as classes sociais.
- (II) Muitos sociólogos da cultura, do mesmo modo, começaram a apresentar alternativas ao modelo de Bourdieu, em vista, principalmente, da frustração compartilhada com a redução da experiência estética às relações de poder. De forma geral, apesar das gritantes diferenças entre esses sociólogos, todos eles enfatizam que as obras de arte e as produções artísticas têm de ser vistas como possuindo os seus próprios mecanismos de eficiência social, assim como elas são produtos de contextos e estruturas sociais já existentes (INGLIS, 2009, p. 14).

Além disso, se é verdade que a teoria de Kant negligencia aspectos essenciais das relações sociais na apreciação estética, a teoria de Kant da universalidade subjetiva, que se arvora numa concepção do eu e do gosto puros, é uma descrição interessante da intensidade emocional da experiência estética, ao passo que, enquanto a teoria de Bourdieu é exitosa na demonstração do modo como as relações sociais incidem sobre o gosto, ela exige demasiadamente ao deixar pouco espaço para a subjetividade. No final das contas, a crítica e a rejeição do pensamento estético de Kant se assemelha com aquela que Bourdieu faz à filosofia, no sentido de uma *philosophia perennis*, cujo saber é trans-histórico (BOURDIEU, 2007, p. 21-3).¹⁴ A filosofia, tal como ocorre com o pensamento kantiano, no que se refere ao gosto, negligencia, ou melhor, não assume a historicidade com radicalidade.

Como última palavra, cabe dizer que Bourdieu oferece, não sem falhas ou lacunas, uma primorosa obra capaz de

revelar e desvelar, por detrás dos gostos professados, das práticas artísticas e cotidianas, disputas acaloradas pela posse do poder no interior dos campos.

Conclusão

É inegável o valor histórico e teórico que, cada uma a sua maneira, *A Crítica da Faculdade do Juízo*, de Kant, e *A Distinção*, de Bourdieu, são obras as quais serão sempre referências para o pensamento ocidental, tanto na filosofia, quanto na sociologia, quando da discussão sobre a arte e a estética. E, no que diz respeito ao presente texto, intentou-se apresentar os traços mais amplos da crítica de Bourdieu a Kant. Para tanto, organizou-se o texto em três partes principais.

Na primeira delas, apresentou-se em que sentido *A Distinção* pode ser entendida como promovendo uma *revolução copernicana* no estudo do gosto, conforme a expressão de Wacquant (2002). A ideia central de Bourdieu era a de que não existe um gosto puro derivado de um eu puro, mas, inversamente, uma habilidade de julgamento, socialmente apreendida, que se expressa como um espaço de lutas de classes no interior dos campos. Esse tipo de operação é, de certo, similar àquela que Kant fez, século antes, em relação à crítica moderna do conhecimento, desenvolvendo uma epistemologia e uma teoria do conhecimento que sintetizasse o debate entre empiristas e racionalistas.

Na segunda delas, por sua vez, discorreu-se a respeito de algumas categorias basilares do pensamento sociológico do autor, tais como as de *habitus*, capital e campo como sendo interligadas na análise sociológica, e, especialmente, desvelando as práticas sociais e os conflitos e lutas travados no interior dos espaços sociais.

Dando sequência, na terceira parte, argumentou-se mais propriamente a respeito do gosto e da crítica que Bourdieu dirigiu a Kant. Quanto a isso, ancorando-se em Rahkonen (2011), explicou-se que, na teoria de Bourdieu, o gosto representa o exercício do poder oculto, associado às disputas de classe pelo poder e que cabe à sociologia desvelar. Igualmente, afirmou-se que a importância da *Terceira Crítica* de Kant como elo entre a

Crítica da Razão Pura e a *Crítica da Razão Prática* através do mundo do belo e do sublime, da arte e do gênio, e do mundo do orgânico e da unidade dinâmica de toda a natureza (HÖFFE, 2005, p. 294).

Além disso, indicou-se o sentido no qual *A Distinção* promove uma crítica vulgar, vale dizer, como uma crítica social que, como reforçou Rahkonen, é uma crítica sociológica para além da filosofia do iluminismo, muito embora não tomar favor do gosto vulgar, porque conduziria a uma versão sociológica da cultura do proletariado ou de ciência do proletariado (RAHKONEN, 2011, p. 128).

Finalmente, fizeram-se alguns comentários críticos para *A Distinção* apontando para as similaridades com as teorias que rejeitam, e provocaram um *descentramento do sujeito moderno*, a saber: (a) as tradições do pensamento marxista; (b) a descoberta freudiana do inconsciente; (c) a linguística estrutural de Saussure; (d) o trabalho filosófico e histórico de Foucault; e finalmente, (e) o impacto do feminismo (HALL, 2006, p. 9-14). Como se afirmou, a teoria da dominação, que aparece implícita na crítica de Bourdieu a Kant, reflete o inconsciente social através da compreensão dos *habitus* e das práticas sociais. Com efeito, salientou-se, para concluir, os dois grupos que têm se posicionado diante da recepção da teoria que Bourdieu formulou em *A Distinção*: (i) a rejeição por parte de filósofos e sociólogos que atavam tal formulação como tentando impor, de muitos modos, os fatores sociais sobre as dimensões estéticas e criativas da vida; (ii) a criação de modelos alternativos como modo de salvar a experiência estética e artística (INGLIS, 2009, p. 13-4).

Notas

1 Traduzida para o português como BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica Social do Julgamento*. Trad. Daniela Kern e Guilherme F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007, e que constituirá a referência para o presente texto.

2 Traduzida para o português como KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, e que constituirá, evidentemente, a referência para indicações ao longo do presente texto.

3 As referências à obra de Bourdieu são relacionadas à abordagem que faz no âmbito da estética e da sociologia da arte. Sendo assim, para uma visão mais geral da obra do sociólogo, no vernáculo, recomenda-se, especialmente sobre a educação: VALLE, 2013; e 2014; e, sobre a

metodologia e a pesquisa: VALLE, 2007; 2008; GONÇALVES & GONÇALVES, 2010.

4 Korsmeyer (2005), num texto sobre o gosto, explica que existem muitas ambiguidades envolvendo o conceito de discernimento estético que se expressa no gosto. Segundo ela, o gosto pode ser considerado uma capacidade de discernimento das qualidades sutis de determinados objetos: na alimentação, por exemplo, o (*bom*) gosto permite que traços de requinte em ervas, entre outros demais sabores, que não são percebidos e detectados pelos outros, de forma que, num primeiro sentido, o gosto estético poderia ser aprendido, pois se referiria a uma capacidade para detectar e perceber boas e sutis qualidades. O gosto também poderia implicar, num significado muito próximo de Kant, na medida de qualidade de um objeto que é, por sua vez, medida pela quantidade e pela natureza do prazer que um objeto pode proporcionar a uma pessoa de *bom gosto*. Ocorre que comprovadamente, como indica, nem todas as pessoas se deliciam com os mesmos objetos, donde alguém que divergisse das normas estabelecidas tenderia a ser criticada por *mau gosto*. A autora adverte que, como a acusação de que alguém tem *mau gosto* pode implicar numa crítica a seus valores estéticos, morais e sociais, enfim, poder-se-ia dizer, estruturantes de sua visão de mundo, revela-se um problema grave que hierarquiza as relações. Nesse sentido, aponta-se à direção de que há uma grande confusão, na história da arte, entre os objetos que são considerados em grande estima pela qualidade e o senso estético mais elevado e aqueles que, não obstante a popularidade, a pertença à arte de *massa*, parecem evidenciar a falta de qualidade estética. Muitos pensadores, e aqui precisamente se encontra Bourdieu, têm levantado suspeitas no sentido de que a ideia de *gosto* é mais social do propriamente uma categoria estética autônoma, e que, ainda, é mais ou menos imposta por uma elite da sociedade ao público o qual, obediamente, reconhece a superioridade das preferências, relativas aos objetos, dessa elite (KORSMEYER, 2005, p. 199-201).

5 A exposição a respeito do conceito de *habitus* é instrumental e ampla, em termos de caracterização. Para uma visão mais completa, recomenda-se: MATON, Karl. *Habitus*. In: GRENFELL, Michael. (Org.) *Pierre Bourdieu*. Key Concepts. North Yorkshire: Acumen, 2010.

6 Tal como acontece com o conceito de *habitus*, a pretensão aqui é meramente instrumental. Para uma abordagem mais ampla e didática, remete-se aos seguintes textos: BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.) *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olha d'Água, 2013; THOMSON, Patricia. Fiel. In: GRENFELL, Michael. (Org.) *Pierre Bourdieu*. Key Concepts. North Yorkshire: Acumen, 2010.

7 Do mesmo que os conceitos de *habitus* e campo, a noção de capital também não é abordada aqui de forma sistemática. Em função disso, recomenda-se ver: MOORE, Robert. Capital. In: GRENFELL, Michael. (Org.) *Pierre Bourdieu*. Key Concepts. North Yorkshire: Acumen, 2010.

8 Num contexto mais amplo, a noção de *habitus* foi essencial na resolução de uma proeminente antinomia das ciências humanas, a saber, o problema do *objetivismo* e do *subjetivismo*. E, considerando o *habitus* como um sistema de disposições que engloba esquemas adquiridos de percepção, pensamento e ação, estas disposições são desenvolvidas pelo agente como respostas às condições objetivas do espaço social no qual ele se encontra. Dessa forma, Bourdieu teoriza a inculcação de estruturas sociais objetivas à experiência subjetiva e mental dos agentes. Além disso, o conceito de *habitus* dialoga com a tradição sociológica, tais como com o conceito de *socialização*. De forma geral, o *habitus* distingue-se de conceitos similares na tradição sociológica de diferentes maneiras, mas principalmente quanto à *concretização*, já que as estruturas internas tomam corpo e trabalham num nível muito profundo, prático e pré-reflexivo.

9 Uma indicação bastante interessante e que, de alguma forma, vincula o programa de Durkheim com o Kantismo, por meio da filosofia de Cassirer, pode ser encontrado no texto de Lois Pinto: “Cassirer [...] indicava uma via original que permitia estender a novos domínios o tipo de investigação praticado pelos historiadores da ciência em sua área. A ideia de “forma simbólica”, conservando e subvertendo o kantismo, procurava uma generalidade considerável *ao priori*, ao mesmo tempo que autorizava tratá-lo como um objeto histórico. Este enfoque, através da mediação da herança kantiana, reencontrava uma parte do programa durkheimiano de historização das categorias. Porém com esta diferença, não desconsiderável: a tomada de partido pela imanência filosófica e o rechaço da sociologia do conhecimento.” Cf. PINTO, 2003, p. 29, tradução minha.

10 Rahkone salienta um outro aspecto curioso sobre a teoria do gosto arquitetada por Bourdieu. Conforme argumenta, este mecanismo através do qual o gosto popular chega abraçar o bom gosto guarda certa semelhança com a descrição que Simmel faz da moda, apesar de curiosamente Bourdieu não fazer referência a ele RAHKONEN, 2011, p. 127.

11 Acerca da primeira parte da *Crítica Faculdade do Juízo*, chamada de *Crítica da Faculdade de Juízo Estética* (2008, p. 45-200), e que se resolve numa crítica do gosto e da arte em sentido transcendental, Hoffe expressa, acertadamente, que tal crítica surgiu da descoberta do *a priori* estético por parte de Kant. Segundo Hoffe, “Ela contém uma crítica de segundo nível. Nela não são investigados juízos estéticos, e sim o direito de um julgar crítico no âmbito estético. O *a priori*, que Kant aqui afirma, é de espécie diferente do *a priori* da primeira e da segunda Crítica. Pois a posição estética em relação ao objeto, ao belo na natureza, ao belo artístico e ao sublime é diversa da posição teórica e da posição prática. Na referência estética ao mundo, encontra-se uma forma própria de racionalidade; de modo algum ela se deixa reduzir ao conhecimento objetivo ou à moralidade ou a ambos em conjunto” (HÖFFE, 2005, p. 298).

12 A abordagem que aqui se faz diz respeito meramente ao gosto. A teoria estética kantiana é imensamente complexa e rica em detalhes, os quais escapam aos propósitos do presente texto. Para uma visão mais ampla da estética kantiana, recomenda-se: GUYER, Paul. *Kant and the Claims of Taste*. 2ª Ed. New York: Cambridge University Press, 1997; outras fontes serão sugeridas ao longo da seção.

13 Na *Crítica da Faculdade do Juízo* (2008), Kant explora o juízo do gosto a partir de quatro momentos, que são as quatro funções lógicas do juízo, conforme as encontrara na *Crítica da Razão Pura* (2010), e que são, pois, a qualidade, a quantidade, a relação e a modalidade – proporcionando uma quádrupla determinação do belo. Recomenda-se, sobre esse ponto na terceira *Crítica*, ver: SCHAPER, 2009, especialmente, p. 445-60; CRAWFORD, 2001, p. 52-7.

14 Ver, especialmente: “A utilização habitual dos textos do passado supõe e suscita, ao mesmo tempo, uma “neutralização” (no sentido dos fenomenólogos), ou seja, uma suspensão quase inconsciente de tudo o que liga o texto e seu objeto a uma história, a uma sociedade. Em suma, uma des-historicidade que é um verdadeiro estranhamento da realidade: a filosofia da História da Filosofia como *philosophia perennis*, cujas distintas encarnações históricas são apenas variantes, separadas por diferenças superficiais, anedóticas e acidentais que o olhar filosófico deve penetrar para chegar ao essencial, isto é, à essência trans-histórica de um texto (ele próprio ligado à essência única), não passa da racionalização dos pressupostos engajados na prática mais corriqueira de um professor de filosofia como lector: a formulação de um comentário. A leitura, que a ideologia profissional dos professores e dos críticos descreve como ato de “re-criação” que pretende reeditar a própria criação, é o momento decisivo da transformação das produções literárias ou filosóficas em cultura. Ou, se se preferir, em segunda natureza, em *habitus*: a técnica pedagógica da atualização – justificada pelo cuidado de manter “vivos” e, dessa maneira “interessantes”, os autores e os textos – produz, por meio do anacronismo,

um discurso que é, a um tempo, situado, datado e anacrônico e que, mesmo quando se crê fiel à letra e ao espírito dos pensamentos que quer apenas reproduzir, transforma-os, mas de maneira inteiramente inconsciente. É assim que, paradoxalmente, a falsa eternidade da leitura “recriadora”, à maneira que as homilias inspiradas pelo evangelho de plantão garantem às obras filosóficas, é o produto de uma historicidade oculta e sempre recomçada” (BOURDIEU, 2007, p. 22-3).

Referências

- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; & PASSERON, Jean-Claude. **A Profissão de Sociólogo. Preliminares Epistemológicas**. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. & PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os Estudantes e a Cultura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- _____. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.) **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olha d'Água, 2013.
- _____. **Homo Academicus**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- _____. **Méditations Pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.
- _____. **As Ciências Sociais e a Filosofia**. Educação & Linguagem, Vol. 10, nº 16, p. 19-36, Jul-Dez. 2007
- _____. **A Distinção**. Crítica Social do Julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- _____. (Org. NOGUEIRA, Maria A.; CATANI, Afrânio). **Escritos de Educação**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHAUVIRÉ, Christiane & FONTAINE, Olivier. **Le Vocabulaire de Bourdieu**. Paris: Ellipses, 2003.
- COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien. (Orgs.) **Trente ans après La Distinction, de Pierre Bourdieu**. Paris: La Découverte, « Recherches », 2013.
- CRAWFORD, Donald W. Kant. In: GAUT, Berys & LOPES, Dominic M. (Orgs.) **The Routledge Companion to Aesthetics**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- CUNHA, Maria Amália A. **Sociologia da Educação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **Educação e Sociologia**. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes 2011.
- _____. **L'Éducation Morale**. Paris: Éditions Fabert, 2005.
- _____. **O Suicídio: Estudos de Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GONÇALVES, Nadia G. & GONÇALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GUYER, Paul. **Kant and the Claims of Taste**. 2ª Ed. New York: Cambridge University Press, 1997
- GRÉMION, Pierre. **De Pierre Bourdieu à Bourdieu**. Études 1 (tome 402), p. 39-53, 2005. Disponível em: www.cairn.info/revue-etudes-2005-1-page-39.htm. Acessado em 26/07/14.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- INGLIS, David. Art, Aesthetics, and Social Scientific Imaginaries. In: HERRERO, Marta, & INGLIS, David (Eds.). **Art and Aesthetics: Critical Concepts in the Social Sciences**. New York: Routledge, 2009.
- LALLEMENT, Michael. **História das Idéias Sociológicas. De Parsons aos Contemporâneos**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOESBERG, Jonathan. **Bourdieu e a Sociologia da Estética**. Política & Trabalho, Vol. 16, p. 213-35, Set., 2000.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 7ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- _____. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- KORSMEYER, Carolyn. Taste. In: GAUT, Berys & LOPES, Dominic M. (Orgs.) **The Routledge Companion to Aesthetics**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- MOORE, Robert. Capital. In: GRENFELL, Michael. (Org.) **Pierre Bourdieu**. Key Concepts. North Yorkshire: Acumen, 2010.
- MATON, Karl. Habitus. In: GRENFELL, Michael. (Org.) **Pierre Bourdieu**. Key Concepts. North Yorkshire: Acumen, 2010.
- MOUNIER, Pierre. **Bourdieu, une Introduction**. Pocket: Paris, 2001.
- PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu y la Teoría del Mundo Social**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.
- RAHKONEN, Keijo. Bourdieu and Nietzsche: Taste as a Struggle. In: SUSEN, Simon & TURNER, Bryan S. (Ed.) **The Legacy of Pierre Bourdieu: Critical Essays**. New York: Anthem Press, 2011.
- ROBBINS, Derek. The Need for an Epistemological 'Break'. In: GRENFELL, Michel & JAMES, David. **Bourdieu and Education: Acts of Practical Theory**. Bristol, PA: Falmer Press, 1998.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- SCHAPER, Eva. Gosto, Sublimidade e Gênio. A Estética da Natureza e da Arte. In: GUYER, Paul. (Org.) **Kant**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

SIDICARO, Ricardo. La Sociología según Pierre Bourdieu. In: BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **Los Herederos: los Estudiantes y la Cultura**. 2ª. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2009.

TERRA, Ricardo. Prefácio. In: KANT, Immanuel. **Duas Introduções à Crítica do Juízo**. (Org. Ricardo Terra). São Paulo, SP: Iluminuras, 1995.

THOMSON, Patricia. Fiel. In: GRENFELL, Michael. (Org.) **Pierre Bourdieu**. Key Concepts. North Yorkshire: Acumen, 2010.

VALLE, I. R. **O Lugar da Educação (Escolar) na Sociologia de Pierre Bourdieu**. Revista Diálogo Educacional (PUCPR. Impresso), v. 13, p. 411-437, 2013.

_____. **A Obra do Sociólogo Pierre Bourdieu: Uma irradiação incontestável**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 33, p. 117-134, 2007.

_____. Pierre Bourdieu: A Pesquisa e o Pesquisador. In: BIANCHETTI, Lucídio & MEKSENAS, Paulo. (Org.). **A Trama do Conhecimento: Teoria, Método e Escrita em Ciência e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 2008.

_____. **Sociologia da Educação: Currículo e Saberes Escolares**. 2ª. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

VANDENBERGHE, Frederic. The Real is Relational: an Inquiry into Pierre Bourdieu's Constructivist Epistemology. **Sociological Theory**, v. 17, p. 32-67, 1999.

VASCONCELLOS, Maria D. Pierre Bourdieu: A Herança Sociológica. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº. 78, p. 77-87, Abril/2002.

WACQUANT, Loïc J. D. Durkheim e Bourdieu. A Base Comum e suas Fissuras. **Novos Estudos**, nº. 48, p. 29-38, Julho, 1997.

_____. O Legado Sociológico de Pierre Bourdieu: Duas Dimensões e uma Nota Pessoal. **Revista de Sociologia Política** (Curitiba), Vol. 19, p. 95-110, nov. 2002.

_____. Durkheim and Bourdieu: The Common Plinth and its Cracks. In: SUSEN, Simon & TURNER, Bryan S. (Ed.) **The Legacy of Pierre Bourdieu: Critical Essays**. New York: Anthem Press, 2011.

WEBER, Louis. **Les Héritiers et La Reproduction dans les Débats des Années 60-70**. *Savoir/agir*, nº 17, Éditions du Croquant, p. 21-32, septembre, 2011.

Recebido em 15 de dezembro de 2014.

Aceito em 20 de fevereiro de 2015.